

34ª RBA - REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA

23 de julho a 26 de julho de 2024, Belo Horizonte (MG)

De gênero musical excluído a patrimônio imaterial da cidade: tensionamentos e disputas no Movimento Brega¹

João Victor Souza de Azevedo (UFPE - Pernambuco)

Palavras-chave: Movimento Brega; Cidade; Patrimônio Imaterial

INTRODUÇÃO

Ao trazer o Movimento Brega para o centro do debate, é compreensível que este é um tema ainda pouco discutido nacionalmente, sobretudo em ambientes acadêmicos. Em contrapartida, o brega enquanto música e um elemento estético da cultura nacional, já é trazido à tona há bastante tempo. Ao falar da música brega e suas características, de certa forma está se falando também dos seus fazedores, as pessoas que realizam essa música e o que a envolve. Contudo, até meados dos anos 2010 ainda não havia exatamente uma denominação que estabelecesse uma ideia de grupo, ou algo necessariamente identitário. Quem é do brega ou escuta o gênero, já foi e ainda é considerado “brega”, “bregueiro”, “maloqueiro”, “romântico”, “caça-rato”, entre tantas outras denominações que expressam os mais diversos sentidos. Sejam eles respeitosos ou não, essas alcunhas estão mais vinculadas a uma ideia que se tem sobre o consumidor do brega do que necessariamente uma auto-avaliação de si ou de um grupo, portanto, pode ser considerada mais como uma atribuição externa do que dos próprios fazedores. Portanto, é preciso diferenciar esses marcadores sociais do nome de um grupo social organizado politicamente. Uma coisa faz parte da outra, mas não são a mesma coisa.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

Pois bem, falar do Movimento Brega é falar mais do que sobre música, é falar sobre pessoas que estão em evidência por conta de uma expressão artística e cultural de uma das principais capitais brasileiras. Recife é considerada a capital do brega, não por acaso, mas por toda relevância que vem construindo nos últimos anos (PERNAMBUCO, 2017; RECIFE, 2021). Nesta pesquisa, uma das motivações iniciais foi desvendar quais são os pontos definidores entre o que é a música brega e o que se apresenta como Movimento Brega. Pensando nessa categoria a partir da fala dos agentes realizadores envolvidos nesse cenário, além de perceber possíveis diferenças entre as fases artísticas que fazem parte da música brega e por consequência anunciam a presença de múltiplas personalidades, com histórias de vida particulares, e compreensões ainda mais particulares sobre este tema. Ao mesmo tempo que serão apresentados pontos de convergência no discurso, realidades vividas semelhantes e experiências compartilhadas.

Para tal, a pesquisa foi desenvolvida de acordo com o levantamento bibliográfico relacionado à temática, mas também aos outros assuntos que permeiam a discussão em torno do Movimento Brega, como questões urbanas, a relação com gênero, raça e sexualidade, e sobre o patrimônio cultural. Além disso, a pesquisa teve como ponto principal de análise as festas públicas ocorridas sobretudo no Recife entre 2023 e 2024, considerando os principais eventos, como os carnavais dos dois anos e o Festival Novembro Brega, ocorrido em novembro de 2023. Não obstante, a relação destes eventos com outros ocorridos antes de 2023, ou em outras cidades da Região Metropolitana do Recife também foram utilizados como ponto de reflexão sobre a importância dessas festividades ocorridas na rua da cidade.

A MUSICALIDADE BREGA E SUAS NUANCES

Apontado inicialmente uma diferenciação basilar entre a música brega e o Movimento Brega, é possível entender que essa pesquisa se dispõe a tratar de algo mais profundo. A música é a trilha sonora e o apoio principal para destrinchar o que é essa movimentação. Antes de tudo é importante pensar que a música brega vem sendo construída em Recife há algumas décadas, e essa construção é uma realização de muitas pessoas, com influências e carreiras igualmente distintas, mas que compartilham de algumas semelhanças.

Segundo Thiago Soares (2021), pesquisador e professor da UFPE, a música brega em pernambuco tem como seu primeiro grande marco a aparição de Reginaldo Rossi, ícone não só da sua geração, mas do gênero musical como um todo. A partir dos anos 1970, Rossi passou a ser um grande divulgador dessa música brega romântica no estado de Pernambuco, o que poderíamos categorizar como uma grande primeira fase da música brega². Contudo, apesar da sua popularidade, Rossi teve que lidar com um constante conflito entre sua música e os diversos preconceitos que o brega já carregava. Dentre muitos, a ideia de ser “música de pobre” (SOARES, p. 39, 2021). Essa primeira fase, apesar de bem aceita ao longo dos anos, foi responsável por mostrar novos artistas periféricos na capital pernambucana, sendo Rossi um exemplo destacado, pois nasceu e foi criado no bairro dos Coelhos, bairro localizado às margens do centro da cidade. Em certa medida, a história geralmente conhecida da música brega em Pernambuco começa desta maneira, no entanto, diferentemente de Soares, penso que essa primeira fase do brega pode também ser denominada de outra forma além de “brega romântico”. Pensando nas fases seguintes, o romantismo transpassa a música brega em todas as décadas desde a sua aparição, é bem verdade que o formato é diferente, mas ultimamente analiso como mais interessante se referir a esta primeira fase como “brega das antigas” (AZEVEDO, p. 2, 2023). Essa denominação não está associada a uma música antiga no sentido de “ultrapassada”, mas ao dito popular quando se ouve canções produzidas nessa época, em tom de respeito e um tanto quanto saudosista.

Um segundo momento do brega tem a consolidação de uma influência estética marcante na música latina e caribenha. Aproximação que foi iniciada ainda na primeira fase com Reginaldo Rossi e outros artistas como Banda Labaredas³ e Conde Só Brega⁴, mas que teve nos anos 2000 a maior difusão. Neste momento houve a chegada do tecnobrega e do *bregacalypto* como representações da música paraense, no norte brasileiro. Essa influência se deu em grande parte através de duas bandas Swing do Pará e Banda Calypso. A segunda ficou conhecida como a principal banda de tecnobrega do Brasil, tendo o então casal Joelma e Chimbinha como protagonistas do conjunto. Apesar de serem do Pará, e ter Belém como sua cidade natal, a Banda Calypso veio à Recife ainda nos anos 2000 para firmar residência, considerando o forte público que possuía na

² Ver em Soares (p. 57, 2021)

³ Banda Labaredas é uma das principais bandas da música brega pernambucana, liderada por Mitó, a banda atingiu o reconhecimento do público ainda na década de 1990, permanecendo desde então nos sons da cidade.

⁴ Ivanildo Marques, popularmente conhecido como Conde, fundou a banda Só Brega na década de 1990 e ficou conhecido por sucessos como “A Vida É Assim” e “Espelho do Poder”.

capital pernambucana, além da facilidade geográfica que a cidade oferecia para deslocamentos interestaduais/regionais.

Com essa presença marcante do Calypso em Recife, duas coisas fundamentais ficam evidenciadas além da música latina: a presença das mulheres e a chegada de dançarinos no palco. Essa nova fase marcou uma mudança estética e conceitual considerável. Mulheres cantando brega era algo ainda pouco visto, para não dizer inexistente no início dos anos 2000, mas neste momento foi onde começou a haver uma certa emancipação feminina através dos palcos. Embora temáticas como feminismo, liberdade sexual, gênero ou machismo, tenham ocupado muitos espaços nos 20 anos seguintes, em 2000 ouvir Michelle Melo e Nega do Babado cantar sobre prazer feminino, ou até mesmo da possibilidade da mulher trair e se vingar, se colocando em posição de poder, era algo estranho até mesmo para pessoas do brega.

No ano de 2022, fui convidado a falar sobre minha pesquisa referente ao Movimento Brega no Festival Recn'play em Recife. Esse evento ocorreu no fim do ano de 2022, pouco depois de ter finalizado minha monografia, e era uma grande oportunidade. Ao receber o convite soube que a palestra aconteceria na Praça da Independência, conhecida pela grande maioria das pessoas como Praça do Diário em alusão ao Diário de Pernambuco, jornal importante que teve sua sede em frente a praça durante muito tempo. Esse local famoso entre os recifenses é marcado não só por estar no centro da cidade, mas por ser um pouco caótico, devido aos comércios, os vários ônibus que circulam pelas avenidas vizinhas à praça, e do brega ao fundo. Neste evento também estavam participando pessoas ligadas ao Movimento Brega de forma artística, o que engrandeceu ainda mais a experiência. Uma delas foi Michelle Melo, conhecida como a Rainha do Brega, intitulada assim pelo Rei Reginaldo. Em um dado momento, Michelle falou sobre sua história de forma muito emocionada, como uma menina oriunda da periferia recifense e que em algum momento viu o brega mudar sua vida. Não havia como não se convencer das dificuldades enfrentadas por ela e por quem faz a música brega acontecer em Recife.

Em seguida, relatou o quão difícil foi para ela, uma jovem cantar músicas de teor sexual e ter essas canções propagadas em rádios da cidade ou em programas de TV. De acordo com Michelle, na época ela lembra de ter ficado envergonhada por “gemer” e todo mundo ouvir, mas a partir do momento que ela viu sua vida mudar e perceber que amava cantar, a vergonha passou. De forma bem humorada e em sintonia com quem a assistia naquele momento, Michelle levantou da sua cadeira e pediu para que todos na

praça onde ocorria a palestra cantassem junto com ela a música mais famosa na sua voz “Baby Doll”, originalmente gravada quando ainda fazia parte da Banda Metade. Boa parte dos presentes eram alunos de escola pública que deviam ter entre 14 e 17 anos, inicialmente ficaram sorrindo não querendo participar da dinâmica sugerida pela cantora, mais por vergonha do que por não conhecerem a música. Apesar da pouca idade, provavelmente já haviam escutado essa música mesmo que sem querer. Mesmo assim, depois não só os estudantes, mas todos que assistiam a palestra entraram na brincadeira. Gerner em praça pública com uma das maiores ícones da música brega, sem dúvidas foi um dos momentos mais marcantes dessa pesquisa.

Portanto, é nessa fase do tecnobrega e com a ampla divulgação em programas de TV como o já citado Tarde Legal, que o brega se torna ainda mais popular, começa a ser referência não só musical, mas em questões estéticas de ordem cotidiana. O jeito de se vestir ou de falar, o jeito de dançar, o que assistia na TV, os sonhos de ser como aquelas cantoras, e mais uma série de pontos de virada promovidos nesta fase. Intitulado como “brega pop” (SOARES p. 76, 2021), o grande acontecimento ocorrido nessa época é de fato a participação massiva das mulheres. Ao relatar esse momento vivido ao lado de Michelle Melo foi possível observar o quão importante foi para ela e para outras mulheres se desvincular dessa imagem da mulher puritana, feita apenas para servir. Esse impacto causado pelas músicas cantadas e pelo jeito de se portar no palco foi e ainda é motivo para um desarranjo social que transgride a ideia do que é uma mulher.

Camila Fernandes (2021) em sua pesquisa sobre a vida das mães em comunidades do Rio de Janeiro, traz como exemplo o caso das novinhas. Essa palavra que voltará a aparecer nesse texto, a priori diz respeito a mulheres novas como Michelle Melo nos anos 2000, que estava em uma faixa etária onde a adultez ainda era questionada, mas que era motivo de um forte atrito por onde aparecia. No livro de Fernandes, as novinhas são figuras da causação, pessoas que causam, que acontecem e por isso incitam rupturas sociais, dentre elas sobre como uma mulher deve se comportar, se vestir, quais lugares frequentar, com o que trabalhar, ou até mesmo quando podem engravidar. A música brega dos anos 2000 coloca essas questões sob a mesa, e isso se torna ainda mais discutido nos anos seguintes com a chegada do bregafunk.

Após o grande sucesso das bandas de tecnobrega e calypso no início dos anos 2000, houve uma outra ebulição na capital pernambucana a partir do “*funk* de galera”. Esse tipo de música teve como influência o *funk* produzido nos subúrbios do Rio de Janeiro, não só pela sonoridade, mas pelos debates produzidos por essas músicas. Em

Recife, no início da década de 2000, era recorrente a presença de jovens em bailes de *funk* (ALBUQUERQUE, 2018), nesses ambientes moradores de comunidades diferentes rivalizavam entre si através das músicas cantadas, uma mescla entre *funks* cariocas e músicas autorais dos Mc's que iniciavam suas carreiras.

Mc Leozinho, também conhecido como “O General”, é considerado um dos precursores do bregafunk e um dos grandes representantes do gênero. Ao falar mais de uma vez sobre o início da sua carreira, Leozinho já comentou sobre a transformação do funk de galera para bregafunk. O Mc citou que o funk de galera apesar de ser estigmatizado como uma música ruim e que revelava uma face violenta dos seus fazedores e consumidores, também possuía um outro lado. O próprio Leozinho defendia em suas músicas uma união entre as comunidades, o que pode ser observado em “Rap da Cyclone”. Outras músicas do General tratam sobre temas sensíveis como encarceramento, criminalidade e a perda de pessoas queridas, com um ritmo empolgante, e que agitava as festas ao mesmo passo que fazia refletir. No decorrer da entrevista Leozinho fala de como sua música foi mudando ao longo do tempo devido suas múltiplas influências, e em determinado momento foi sugerido a ele fazer músicas que falassem de amor, relacionamentos e que ao mesmo tempo que tivessem a batida envolvente do funk, incluíssem outros instrumentos melódicos como o violão, por exemplo, dando assim início a ideia do que viria a ser o bregafunk.

Diferentemente das fases anteriores do brega, essa subdivisão apostou em uma música ainda mais eletrônica e com um palco ainda mais reduzido. Se no brega das antigas e no brega pop/tecno as bandas eram protagonistas, com muitos músicos e até alguns bailarinos na segunda fase, no início do bregafunk costumavam estar no palco apenas o Mc e um DJ ou *beatmaker*. Essa formação diminuta construiu uma estética própria e em certa medida mais rentável aos produtores desse som. Na sequência dos anos 2010 e 2020 o bregafunk ganhou notoriedade nacional com uma alta produção e investimento de empresários, associado a uma boa aceitação do público através de redes sociais e a facilidade de acesso a músicas por meio de sites gratuitos (SOARES; BENTO, 2020).

Essa então se apresenta como a terceira fase da música brega em Recife, até então analisada como a mais recente. Isso quer dizer que o brega vem demonstrando uma grande capacidade de transformação ao longo dos anos, pois existem artistas que mudam seu estilo durante a carreira, dialogam com outros segmentos musicais, inclusive com outras fases do brega, construindo assim caminhos múltiplos no que diz

respeito à musicalidade. Contudo, ao pensarmos em três grandes momentos, o bregafunk ainda é o último a despontar no cenário bregueiro.

MOVIMENTO BREGA COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL

No início de 2021, com a entrada dos novos vereadores eleitos no pleito de 2020, a Câmara Municipal do Recife teve como primeira proposta de lei, a patrimonialização do Movimento Brega em Recife. Essa proposição foi lançada pelo vereador Marco Aurélio Filho, através de um documento onde o vereador descreve do que se trata o Movimento Brega (RECIFE, 2021), como já relatado anteriormente, além de justificar a importância deste movimento se tornar um patrimônio cultural imaterial do Recife. O parlamentar argumenta que:

Ao denominar Patrimônio Cultural Imaterial do Município do Recife o “Movimento Brega”, estamos incentivando e valorizando Artistas, Bailarinos, Empresários e todos aqueles que direta ou indiretamente contribuem com o cenário econômico e cultural da cidade do Recife [...] (RECIFE, 2021)

Após a justificativa, o pedido foi apreciado e aprovado pelos outros parlamentares de forma unânime, seguindo para sanção do prefeito. No dia 3 de julho de 2021, o Movimento Brega teve sua patrimonialização divulgada no Diário Oficial do Município do Recife. Realizando o processo patrimonial em um período de 6 meses. Porém, faz-se necessário entender o que isso significa e quais os desdobramentos possíveis.

No final da década de 1980, o debate em torno do patrimônio imaterial ganhou mais força no Brasil, tendo a aprovação em 1988 através da constituição federal uma nova leitura referente aos patrimônios materiais e imateriais, pensando a partir desse momento a imaterialidade com mais atenção e respaldo. Esses bens, segundo o IPHAN e a UNESCO, são as práticas da vida social representadas em manifestações culturais, rituais, saberes, ofícios, modos de fazer e atividades artísticas que representem o país de em alguma medida. No ano de 2000, através do Decreto nº. 3.551, de 4 de agosto de 2000, o IPHAN passou a institucionalizar os processos dessa ordem através dos mecanismos de Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, criou o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial e por fim consolidou o Inventário Nacional de Referências Culturais - INRC (BRASIL, 2000). Essas políticas permitiram uma

volumosa produção de inventários que passaram a ser difundidas em outras esferas. Enquanto o IPHAN se responsabiliza por inventários e registros a nível federal, estados e municípios começaram a partir dos anos 2000 a instituir seus próprios meios de patrimonialização.

A Prefeitura do Recife e a Câmara dos Vereadores em sua autonomia passaram a debater questões dessa ordem, justamente pelo Recife já possuir uma tradição cultural relevante em diversas manifestações, com um maior destaque para o frevo. No entanto, ao longo da década de 2010, o brega enquanto música ganhou uma proporção ainda maior do que já possuía, e assim atravessou embates políticos por uma maior visibilidade, alcançando em 2017 e 2021 suas primeiras vitórias relevantes no campo da política cultural. Contudo, essa titulação, de patrimônio, se deu de maneira totalmente diferente das realizadas a nível nacional. O Registro realizado pelo IPHAN através do INRC é um processo que pode ser moroso, que recolhe informações em diversos estados e constroi um extenso dossiê a ser apreciado por um conselho especializado, além de vídeos documentários produzidos durante a pesquisa.

Desse modo, faz-se necessário refletir sobre a importância desse patrimônio cultural imaterial no contexto brasileiro. Considerando que o patrimônio é algo que define características culturais, através da relevância histórica e artística para um povo. Portanto, é também através do patrimônio em que se estabelece verdades, histórias “oficiais”, e por consequência tradições são consolidadas, ao mesmo tempo em que são realizadas marcações no tempo através do instrumento da patrimonialização. A constante transformação é algo inerente aos patrimônios culturais ligados ao imaterial. Compreender o patrimônio como algo cultural, é compreender que a cultura é algo inacabado, que se constroi ao longo do tempo. Segundo Roque de Barros Laraia (2001), ao abordar as diferentes formas de pensar a cultura como um conceito antropológico, coloca em evidência as múltiplas interpretações e maneiras de explicar ou de aplicar o que seria a cultura, inclusive como um sistema de símbolos e significados.

Esses símbolos culturais, muitas vezes alocados em práticas do cotidiano de um determinado conjunto de pessoas pode ser considerado como uma não cultura por parte de pessoas avessas ao comportamento do outro. O Movimento Brega, em seu histórico, sofreu e ainda sofre uma forte repressão discursiva quanto ao valor cultural de suas práticas. Portanto, reforçar a ideia do patrimônio enquanto categoria da cultura, é insistir em uma patrimonialização voltada a expandir a visão sobre os laços culturais promovidos por esses bens. Mais do que preservar, é entender que a imaterialidade é

responsável por uma sociabilidade contínua e isso evidentemente afeta e é afetado pelo tempo. As pessoas que fazem o patrimônio cultural, possuem referências específicas do seu próprio tempo e contexto, por isso constituem mudanças.

George Yúdice, em seu texto voltado a discutir a cultura como recurso, analisa aspectos da cultura global, permitindo um alargamento das suas ideias para compreender ainda mais a patrimonialização como parte do que ele chama de “recurso”. Yúdice aponta que a cultura é responsável por ser um catalisador de investimentos, com fins turísticos ou que tangem a noção de desenvolvimento econômico (YÚDICE, 2004, p. 30-31). No entanto, o autor alerta: a globalização acelerou todos os processos como recurso, podendo ser usado a fim de buscar algum tipo de benefício. A cultura se transformou em recurso, mas isso não pode ser compreendido somente como uma “mera política”. Ou seja, a cultura utilizada como algo conveniente não deve ser vista de forma desleixada, ou diminuída ao simples fazer político. É importante pensar além, o que a cultura e sua transformação assinala nesse período histórico? O que o Movimento Brega patrimonializado diz a respeito da cidade do Recife nas primeiras décadas do século XXI? Esse esforço reflexivo é fundamental para entender a cultura e a patrimonialização como categorias da vida cotidiana.

Porém, não se pode excluir o fato de que a cultura é agenciada pela política, sobretudo institucional. Os órgãos públicos podem ser considerados locais de instrumentalização de certos financiamentos e formas de fazer da cultura um resolutor de problemas. Assim como o Movimento Brega também se utiliza da cultura como um recurso a explorar, reorganizando-se a partir dela, e emancipando socialmente uma parcela importante da sociedade. Devido ao despertar político, mas não só, esta população passa a construir um caminho diferente do afastamento aos direitos básicos reforçados durante décadas, atingindo assim o que seria mais próximo de uma cidadania plena. Portanto, a patrimonialização como categoria da cultura, pode ser vista também como um recurso dessa cultura. O uso dela é benéfico, aparentemente, para os dois lados. A política institucional ganha no sentido do reconhecimento público. Já do outro lado, o próprio Movimento Brega apresenta, através de alguns membros, falas agradecidas a esse processo que patrimonializou o Brega, pois é a partir disso que muitas coisas possivelmente irão acontecer em favorecimento aos seus pares. A conveniência da cultura como recurso fica evidente nesses dois casos.

A PERIFERIA COMO CASA E A CIDADE COMO DESEJO

Compreender o Movimento Brega como uma articulação periférica é importante não só para entender o movimento em si, mas a história do Recife enquanto cidade produtora de bens culturais relevantes. Considerando inclusive questões urbanas como facilitadores ou dificultadores dessa experiência. Pensando a periferia de forma mais ampla, podemos considerar que esse espaço físico pode estar situado em dois contextos diferentes no Recife do século XXI, sendo um resultado inevitável das políticas de habitação ou remoção desde o início do século XX. A periferia da capital pernambucana está localizada majoritariamente em dois relevos específicos, nas planícies ou nos morros. Contudo, essa divisão geográfica do urbano diz muito sobre o social. Isto porque, segundo Santana (2019), “a expansão da cidade do Recife até o século XX se deu nas planícies costeiras”, através dos mocambos.

Diante da medida da proibição desses mesmos mocambos, o Recife passou também por um processo ainda maior de expulsão das populações pretas e pardas do centro em direção às margens urbanas, além do aumento do déficit habitacional. É a partir da década de 1910 até meados da década de 1950, que a expansão populacional da cidade do Recife colide frontalmente com as gentrificações ocorridas, sejam por justificativas ambientais ou pelo suposto desenvolvimento urbanístico como foi o caso das expulsões ocorridas no centro para o alargamento de ruas e uma ideia de modernização da cidade (SÁ BARRETO; MEDEIROS, 2020). De certa forma toda gentrificação carrega consigo uma forte ligação com o preconceito de classe, que neste caso está intimamente associado ao preconceito racial.

Portanto, é importante perceber que essa transformação ocorrida na cidade do Recife durante a primeira metade do século XX produziu uma reconstrução da periferia. A ocupação dos morros se deu de forma tão irregular quanto os outros territórios, o que deveria implicar em uma preocupação da política institucional em retirar essas pessoas das chamadas “áreas de risco”. Considerando esse lugar como um ambiente onde a falta é ordinária, serviços básicos como a educação, o direito à creche para crianças, espaços de lazer, incentivo e divulgação da cultura local, chegam tardiamente. Todos esses pontos fazem parte de um projeto de exclusão social, pois o que não é disponibilizado facilmente, resulta em índices preocupantes para Santana (2019).

Portanto é preciso entender que entre 1950 quando se deu a consolidação das primeiras ocupações de morros, como é o caso do Morro da Conceição na Zona Norte, como também o firmamento de periferias mais ao centro da cidade, como os bairros dos

Coelhos e do Coque. Mediante todas as dificuldades apresentadas por essas pessoas, surge no fim da década de 1970 a música brega vinculada a imagem de Reginaldo Rossi. Mais a frente outros artistas como a Banda Labaredas com fortes raízes no Morro da Conceição, Michelle Melo ou até mesmo os Mc's como Sheldon e Boco, todos oriundos das periferias do Recife, surgem a partir de uma vivência territorial específica.

É parte dessa discussão perceber que o Movimento Brega disputa um lugar na cidade para além daquele que já ocupa naturalmente. Seguindo a lógica presente no artigo de Giordano Bertelli (2012), que discute a presença dos Racionais MC's e do Rap em São Paulo como agentes transformadores na cidade, a mesma lógica se aplica nesse contexto. A periferização não foi e não será apenas uma característica do Recife, mas de praticamente todas as grandes metrópoles brasileiras. São Paulo é um exemplo deste processo de gentrificação e periferização em massa, e é de lá que vem o RAP como expressão cultural marcada por duas características importantes na sua estética: ressignificação e confronto (BERTELLI, p. 223, 2012). Apesar dos artistas do Brega de um modo geral falarem sobre outros temas, a sua atuação na cidade não foge de ser uma ressignificação da periferia e nem do confronto em disputar a cidade. Contudo, o faz de outra maneira. Quando o Movimento Brega usa o seu corpo na dança, ou quando fala sobre sexualidade, amor, ostentação e até mesmo aspectos da violência, realiza o confronto automaticamente.

A disputa em torno do que é a cidade, possui outras camadas, e vai muito além de fatores urbanísticos. O Movimento Brega diante de muitas conquistas, talvez tenha produzido uma que não tenha sido fortemente discutida, mas com essas reflexões aqui levantadas parecem mais evidentes. Este Movimento é fruto de uma mobilização conjunta de fazedores oriundos de um lugar comum, com um discurso alinhado entre si e que souberam colocar em prática suas reivindicações, esses três elos formaram sujeitos políticos, nos termos de Eder Sader (1988). O que está sendo replicado e apreendido por esses fazedores é que a ação conjunta pode realizar mudanças, ou seja, ao se enxergarem como sujeitos políticos a periferia passa por um processo de apropriação da cidade. Sendo esse um dos maiores feitos do Movimento Brega até o momento.

FESTAS PÚBLICAS E O BREGA NO CENTRO

Após a aprovação da patrimonialização do Movimento Brega em 2021, e da inclusão da música brega na categoria de Expressão Cultural do estado de Pernambuco, o cenário para quem faz a música brega acontecer mudou. Seja pela validação do seu trabalho perante os reconhecimentos legislativos, seja pela relevância das titulações conferidas. No entanto, essas questões são relativamente menores do que as oportunidades de trabalho após 2021. Isso pode ser observado a partir da inserção de artistas do Movimento Brega na programação do carnaval, sobretudo em Olinda e Recife, mas também em outras cidades da Região Metropolitana.

Ainda em 2022 foi realizado o Festival Respeita Meu Brega, iniciativa do vereador Marco Aurélio Filho, já mencionado acima. Essa festa ocorreu no Largo da Bomba do Hemetério, lugar marcante da periferia recifense, localizado na Zona Norte da cidade, de onde surgiram inúmeros representantes do Brega. A intenção da festividade foi justamente comemorar o aniversário de 1 ano da patrimonialização realizando um evento público no coração da periferia, com uma temática voltada a valorização não só do Movimento Brega, mas também das mulheres desse movimento, visto que as atrações eram todas mulheres, assim como as apresentadoras do evento (AZEVEDO, 2023). Esse evento sedimentou o debate em torno do que poderia ser realizado envolvendo o Movimento Brega, relacionando a demanda dos fazedores, incluindo o público que consome o Brega, com a ação da política institucional.

Sendo assim, o carnaval de 2023 e 2024, além do Festival Novembro Brega no final de 2023 foram os pontos altos nos últimos dois anos. O carnaval em 2023, como primeiro ponto de análise, teve como destaque a volta dos festejos carnavalescos após a pandemia do coronavírus que paralisou o carnaval de rua durante os anos de 2021 e 2022. Com isso, após a patrimonialização do Movimento Brega, o carnaval de 2023 seria a primeira oportunidade do poder público demonstrar os efeitos possíveis para essa comunidade. Neste primeiro evento, o destaque vai para a atração “Recife Capital do Brega”, que tanto no ano de 2023 quanto no ano de 2024 participou do palco principal no carnaval do Recife, o Marco Zero. Esse show foi realizado no sábado, um dia após a abertura do carnaval da cidade. É importante ressaltar que a inclusão do Brega no palco do Marco Zero de forma marcante aconteceu ainda em 2020, com a artista Priscila Senna cantando na abertura do carnaval. No entanto, só em 2023 houve um show dedicado nominalmente à valorização do Brega como algo identitário deste lugar. Esse nome dado ao show, está em consonância com a proposta de lei do Deputado Federal

Felipe Carreras (PSB-PE), que sugere o Recife como Capital Nacional do Brega⁵. Embora essa lei ainda não esteja sancionada, existe um entendimento dos recifenses que a cidade é a capital do Brega e esse show segue essa compreensão.

A ideia do show foi juntar em uma mesma apresentação nomes relevantes de diversas fases do Movimento Brega, e assim foi feito. A apresentação começou com um texto interpretado por dançarinos de bregafunk ligados ao artista Anderson Neiff, endossando o discurso de uma valorização tardia porém importante para o combate ao preconceito, reforçando o valor cultural do Movimento,

“Queremos entender o porquê desse preconceito gigante com o nosso Movimento? Depois de tantos anos conseguimos conquistar nosso espaço. E hoje a gente veio mostrar que veio pra ficar. Respeite a minha cultura, assim como eu respeito a sua. O bregafunk salva vidas, hein?” (OS NEIFFS, 2023)

A apresentação dos Neiffs foi marcada inicialmente pelo texto inicial e pela música Anunciação do cantor Alceu Valença em versão de bregafunk, mostrando uma mistura entre gêneros musicais representativos da cidade. Em seguida pelo grande reconhecimento pelo grande público presente no local, um público heterogêneo e comprometido com a festa e com a efervescência produzida por ela, como discute Durkheim (1968), relacionando semelhanças entre ritos religiosos com recreações coletivas. O início do show dos Neiffs se conecta com o público e intensifica o que o carnaval costuma produzir, uma “transgressão das normas sociais” (VIANNA, p. 23, 1987), seja através do som, ou dos efeitos que ele produz no corpo e no comportamento do público presente. Anderson se mostrou emocionado no início do seu show, assim como Elvis, que em determinado momento da sua apresentação chorou e não conseguiu cantar parte da música, enquanto o público do Marco Zero o ajudou. Esses momentos de emoção corroboram que estar nesse palco representa demais para tais artistas advindos da periferia. Para muitos deles, é o maior palco em que se apresentaram, na maior festa popular do país.

As apresentações seguiram, Lekinho Campos e Mc Abalo também se apresentaram como representantes do bregafunk, os dois acompanhados de dançarinos realizando o “Passinho”, dança característica do Movimento. Além de reforçarem a ideia “não desista dos seus sonhos”, comunicando sobretudo com os jovens das periferias. Dessa forma o Brega vai assumindo o protagonismo da festa, promovendo

⁵ Em maio de 2024 esse projeto de lei teve sua redação final aprovada pela Câmara dos Deputados, faltando ainda a apreciação do Senado visando o sancionamento da PL.

uma espécie de cisão no que o carnaval apresentava até então, além de trazer consigo um senso de unidade, através da aceitação do público. Em paralelo a análise feita do funk carioca em Vianna (1987), o Brega também oferece uma dose de heterogeneidade presente na metrópole, trazendo o subúrbio ou a periferia para o centro das atenções, constituindo novos sentidos para a ideia de festa.

Após as apresentações especificamente de bregafunk que contam com menor estrutura de palco, houve uma pausa para montagem do palco para o artista seguinte, enquanto um DJ tocava músicas de bregas da segunda fase, com foco nas vozes femininas. No entanto, o artista que subiu ao palco foi Sheldon, no início da carreira chamado de Mc Sheldon, representante histórico do bregafunk, mas que ao longo da carreira passou a dialogar com uma estética de banda, com músicas românticas, mas sem perder o contato com suas músicas do início da carreira. Inclusive durante sua apresentação fez menção a “Comunidade do Coque”, periferia onde foi criado, sempre mantendo a conexão entre o Movimento Brega e suas origens.

Em seguida, as primeiras mulheres estiveram no palco Valquíria Santana convidando vários artistas, tendo sua banda como base. As primeiras foram as Amigas do Brega, cantando clássicos do brega e do tecnobrega dos anos 2000. Palas Pinho, uma das integrantes do Amigas, mas ex-vocalista da banda Ovelha Negra ao fim do seu show, lembrou o público: “o Brega foi reconhecido pela prefeitura, mas ele ainda não foi reconhecido pelo governo do estado. Raquel Lyra (Governadora de Pernambuco), é com você!”. Apesar de ser uma Expressão Cultural do estado, o brega não foi patrimonializado a nível estadual como no Pará (AZEVEDO, 2022).

Um destaque nas apresentações também foi a cantora Dany Myler, representante dessa segunda fase do brega, ex-vocalista da Banda Lolita. A artista se destacou como uma das vozes do Movimento Brega ao longo dos últimos anos. Dany reforçou a importância de respeitar o brega e da felicidade do Movimento ocupar o palco do Marco Zero, sendo uma constante nesta apresentação. A banda Bateu a Química também marcou presença com sua dupla de vocalistas, assim como boa parte das bandas no início dos anos 2000, mostrando essa diversidade do som produzido pelo Movimento Brega. Por fim, a cantora Michelle Melo, citada no início desta pesquisa, cantou parte do seu repertório e agradeceu a figura do Prefeito João Campos e mais uma vez o vereador Marco Aurélio Filho.

Ainda em 2023 o Movimento Brega teve em novembro a realização do Novembro Brega, mês dedicado ao movimento em Recife através da Lei Municipal

18.996/2022, de autoria do mesmo vereador. Esse evento ocorreu em 3 dias seguidos, na Praça Sérgio Loreto, anunciando uma parceria que teria um fruto em 2024, algo que será analisado mais adiante. No Novembro Brega, foi perceptível desde o começo não só a variedade dos artistas nos três dias, mas também a estrutura disponibilizada para a realização do evento. Fui ao evento com a minha companheira, e recebi ingressos por parte da organização do evento, sabendo da pesquisa que já desempenho, para acessar o “Frontstage”. Nunca havia ido a eventos na Praça Sérgio Loreto, mas é um local esvaziado à noite, considerado até perigoso. Muito por isso tive um pouco de receio na questão da segurança, reproduzindo, em certa medida inconscientemente, o estereótipo ligado ao brega. Nas redes sociais eram compartilhadas por consumidores de brega que a segurança seria falha, “porque sempre que tem esses eventos é assim”, segundo uma internauta. A promessa de arrastões, brigas e furtos estava no radar do Novembro Brega.

Portanto, cheguei cedo ao local do evento, onde havia uma primeira “barricada” com seguranças privados. Chegando mais proximamente a este ponto, percebo uma alta quantidade de barracas brancas, aparentemente legalizadas pelo evento para vender bebidas e comidas, além de muitos outros ambulantes ao redor do perímetro do evento, esses aparentemente estariam lá sem nenhum apoio direto do Novembro Brega, mas também sem nenhum impeditivo de vender suas mercadorias naquele local. Após essa chegada percebo que a praça ainda estava bastante vazia, apesar do primeiro show já estar acontecendo e próximo ao seu final. Contudo, vou até uma outra área onde estava mais alguns seguranças fazendo o controle dos ingressos para essa área restrita. Nessa mesma área é o acesso para o frontstage e para o camarote que estavam separados da “Pista”, através de uma grade.

Neste primeiro dia pude observar o entusiasmo por parte do vereador Marco Aurélio Filho presente no local em estar realizando o evento, mas também foi possível notar um semblante de frustração ao ver que as previsões de brigas e arrastões haviam sido confirmadas. Esse primeiro momento ocorreu em meio ao show dos Tralhas, segundo eles mesmos representantes da “nova geração do bregafunk”. O vereador nesse momento conversando com pessoas próximas demonstrou insatisfação pelo fato de que esse tipo de acontecimento não ajuda em nada o Movimento Brega já tão estigmatizado por ser consumido por pessoas que flertam com a criminalidade, algo fortemente associado à população periférica como aponta Feltran (2010). Inclusive muitas pessoas nas redes sociais diziam não ir ao evento por medo. Contudo a ação da Polícia Militar de Pernambuco, cessou momentaneamente a confusão. No intervalo entre a

apresentação dos Tralhas e a de Sheldon, o apresentador do evento além de agradecer ao prefeito da cidade pelo apoio, pediu ao público para evitar brigas.

No show de Sheldon ficou marcado pelo respeito à apresentação do artista que sempre dialoga com as periferias. Durante as músicas, o cantor mandou um “alô” para as comunidades do Bongi, Mangueira, Borel, San Martin, Coelhos, Coque (de sua origem) e Mustardinha. O público correspondeu seu aceno, indicando proximidade com sua origem, ou que faziam parte das comunidades citadas. Todas localizadas na Zona Central da cidade ou Zona Oeste. Ainda nesta noite o destaque foi o Conde Só Brega, artista remanescente das primeiras décadas da música brega. Aclamado como um dos maiores artistas do gênero após a morte do Rei Reginaldo Rossi, o Conde foi unânime na Praça Sérgio Loreto, tendo todas as músicas cantadas pelo público. Ainda no primeiro dia foi possível registrar mais dois princípios de brigas e possíveis furtos, porém em menor proporção e logo resolvidos.

Durante o segundo dia do evento a estrutura disponibilizada foi a mesma, tendo como destaque para uma noite mais tranquila segundo os próprios trabalhadores do evento. O festival, que começou na sexta-feira, chegou ao sábado com uma programação igualmente variada, apresentando artistas de diversas fases do brega como Walter de Afogados, Tocha e Banda Kitara, cada um representando linguagens musicais diferentes do próprio gênero. Seguindo uma lógica de agradecimentos às figuras políticas envolvidas com o evento.

Por fim, no último dia a programação do Festival Novembro Brega teve seu início vinculado ao evento Viva Guararapes também ocorrido no centro do Recife, dedicado ao Movimento Brega. Um trio elétrico com o cantor Mc Tróia foi em direção a Praça Sérgio Loreto levando o público do Viva Guararapes para o Novembro Brega. Neste último dia pude conversar um pouco mais com os proprietários de alguns quiosques, ao todo eram 26 “licenciados” e padronizados. Ao perguntar sobre como funcionou essa escolha de quem estaria apto a vender bebidas e alimentos no evento, uma das profissionais disse que o convite foi feito através do Galo da Madrugada, parceiro do Novembro Brega. Ela ainda disse que sua família vende esse tipo de produto desde as primeiras edições do Galo da Madrugada, que teve o início dos seus desfiles na década de 1970. Entretanto, a mesma interlocutora teceu algumas críticas devido a alta concorrência, dos 26 quiosques, 24 estavam localizados nessa área da “pista”, ou seja, apesar do público ser consideravelmente grande no primeiro e no

segundo dia não corresponderam à expectativa de vendas, principalmente no último dia que o público foi menor.

Em conversa com outra interlocutora, quando perguntei sobre como estava sendo o evento, se estava vendendo bem, senti um desconforto por parte da vendedora. A princípio pensei ser um receio de me ver como um “fiscal” do evento, avaliando quem estava trabalhando corretamente. No entanto, aos poucos percebi uma certa abertura, o que me permitiu saber mais sobre o que ela estava achando do evento. O tema da concorrência voltou a aparecer, mas dessa vez em relação aos ambulantes que estavam vendendo bebidas mais baratas do lado de fora do perímetro do evento. Porém disse gostar das músicas, o que pôde ser notado entre funcionários de outros órgãos como os da Emlurb, responsáveis pela limpeza do ambiente, que pude observar gravando vídeos dos shows. Essa ação reflete o envolvimento do Brega não só com as pessoas que estão indo aproveitar o festival, mas com os trabalhadores. O que reforça mais uma vez a justificativa apresentada para a patrimonialização, o Movimento Brega é uma cadeia econômica e cultural, que oportuniza emprego e renda para muitas pessoas (incluindo vendedores ambulantes), mas também o público em seus mais diferentes tipos.

Com isso o Novembro Brega demonstra uma forte relação entre centro e periferia através do Movimento Brega, pelo público presente representando inúmeras comunidades da cidade, os próprios artistas nascidos e criados nas periferias, além de uma “re-ocupação” de uma praça do centro do Recife. Um espaço importante para a vida social do bairro, mas pouco utilizado. O carnaval de 2024 surge como uma continuidade e uma consolidação do Brega nas festas públicas, o que pode ser visto a partir de dois destaques. O primeiro se refere a segunda edição do show Recife Capital do Brega, ocorrendo mais uma vez no palco do Marco Zero no sábado de carnaval. No mesmo dia, o Galo da Madrugada, parceiro do Novembro Brega, é o segundo destaque homenageando em seu desfile Reginaldo Rossi. Essa foi a primeira vez que o Rei do Brega foi o tema do bloco, contando com trios elétricos fazendo referência a suas músicas, repertório dedicado a clássicos da sua carreira, além de muitos foliões fantasiados com roupas e acessórios fazendo alusão às vestimentas utilizadas por Rossi.

Apesar do sucesso obtido no Galo da Madrugada, o show ocorrido no Marco Zero teve seus contratemplos. Desde a abertura do carnaval, onde Raphaela Santos, atual destaque da música brega, foi escolhida para fechar a noite após a apresentação de Gilberto Gil. Todos os shows atrasaram, e pude observar boa parte do público esperando

até o fim, enfrentando chuvas torrenciais além de pequenos furtos e princípios de briga para assistir a cantora. Curiosamente, ao anunciarem o show de Gilberto Gil, uma foliã reagiu espantada “Quem? e Raphaela?”, demonstrando uma insatisfação e um desconhecimento sobre a figura de um dos cantores mais famosos da música brasileira. Em Recife, apesar de Gilberto Gil ser aclamado como em tantos lugares, não é mais aguardado do que uma ícone do brega, esse foi o recado dado pela foliã, ao fazer a pergunta. No dia seguinte Priscila Senna foi responsável por fechar a noite dessa vez sem grandes atrasos por parte da organização, sendo mais uma inserção marcante do Brega no carnaval da cidade. O Recife Capital do Brega foi responsável assim como em 2023 por reunir artistas diversos em uma apresentação sequenciada, cada um cantava algumas músicas e dava espaço para outro. Porém, desta vez o destaque da apresentação foi diferente do ano anterior. Apesar dos fazedores reconhecerem a importância do show, as exigências e reclamações passaram a dividir o protagonismo com a validação do Movimento Brega.

Antes dos shows, Michele Melo, Anderson Neiff e Carla Alves, disseram estar felizes e ansiosos com a oportunidade de estar levando o Brega a esse lugar de destaque. No entanto, após o show, Neiff gravou vídeos já em sua residência criticando a organização do evento, mais especificamente falando do tempo disponibilizado para o show que foi curto, além da falta de camarins para os artistas do brega, em contraposição a uma estrutura adequada oferecida a artistas de fora do estado como Luisa Sonza. Nas palavras dele “Nem respeito pelos artistas local tem, e a maioria das vezes a população vai pra ver os artistas de brega”.

Tayara Andreza, cantora que também se coloca como parte do Movimento Brega, estava escalada para ser a última das apresentações do Recife Capital do Brega, contudo ela foi surpreendida com os equipamentos sendo desligados, além de não receber nenhuma justificativa pelo fim do show. No dia seguinte, gravou vídeos nas suas redes sociais explicando o ocorrido como uma tentativa de excluí-la do Movimento Brega, relatando que não é a primeira vez que isso acontece: “As pessoas aceitando ou não, eu faço parte do Brega, entendeu? Eu tenho minha história no Brega e não é de hoje, é de anos.” Após a reclamação pública, a Prefeitura do Recife anunciou que Tayara Andreza teria um espaço no último dia do carnaval para fazer um show só dela. Mesmo após essa condição e o show realizado, ainda houveram reclamações sobretudo do público pela rapidez do show, revelando mais uma vez uma falta de cuidado da organização com a artista. Apesar desses contratemplos e insatisfações, o Brega

conseguiu no carnaval de 2024 o seu auge de reconhecimento nas festas públicas, pois além do palco do Marco Zero, o Movimento Brega ocupou os palcos de diversos polos descentralizados do Recife, uma marca do carnaval da cidade nos últimos anos. A maioria desses palcos estavam localizados nas periferias da cidade, o que intensificou o trânsito entre a música e o povo na cidade. Reforçando inclusive o que Roberto Da Matta aponta como uma característica do carnaval brasileiro, que é a experimentação de “novas avenidas de relacionamento social” (DA MATTA, p. 68, 1978), retirando algumas fronteiras e deixando outras mais aparentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma fica compreendido que o Movimento Brega apresenta um cenário de mudanças para o Recife através do som e dos corpos que fazem essa articulação. Enquanto manifestação cultural, o Brega anuncia através da música e dos direitos conquistados ao longo dos últimos anos, uma vida de mais esperança para os que vivem nas periferias da cidade. Subvertendo a lógica do abandono, considerando que as zonas periféricas do Recife se constituíram por meio da falta, e tem sido o Brega o catalisador das novas perspectivas. Essa música que movimenta a cadeia cultural e econômica desta região consegue com sua relevância ampliar o debate a nível nacional. Se atualmente é discutida a importância de um Dia Nacional do Brega na Câmara dos Deputados de Brasília, é por um intenso trabalho de expansão do que é feito em Recife. A música diversa, com representantes de gerações diferentes e com referências específicas, comunicam-se com o Brasil e fazem refletir algo que o *funk* realizou anos atrás, ou até mesmo o samba. Contudo, o artifício de leis de preservação cultural em diálogo com um processo de ressignificação das culturas periféricas tem sido um modelo dentro da própria cidade.

É perceptível após a patrimonialização do Movimento Brega, o aumento de propostas do mesmo tipo para outras manifestações culturais das mais diversas. Algo que inclusive gera debates em torno da validade desse instrumento político. Afinal de contas, o que deve ser patrimonializado? Logo após o Movimento Brega, veio a titulação da Marcha Pra Jesus, Música Gospel, Festival Rec-Beat, Banda Ave Sangria, Pagode do Didi, Som na Rural, entre tantos outros, que atualmente também são patrimônios imateriais do Recife. A popularização do processo ocorrido com o Brega

incitou o uso desse mecanismo para atender anseios de parcelas específicas da sociedade, sejam esses anseios justificáveis ou não.

Por isso, o Movimento Brega demonstra o quanto de desarranjo provoca ao estar inserido em locais onde não aparecia. A partir do momento em que a periferia entra na discussão, as estruturas e as instituições passam a apresentar comportamentos diferentes. Quando o brega assume um lugar de destaque no carnaval com o bregafunk, as rupturas promovidas são consideráveis. O ato de fazer o passinho no Marco Zero é um ato de resistência às repressões sofridas há pouco tempo, como o caso do menino Gustavo, à época com 18 anos e que teve que retirar seu globo ocular direito após ser baleado com bala de borracha pela Polícia Militar de Pernambuco, ao sair de uma Batalha de Passinho. Esse caso, ocorrido em 2019, entra para as estatísticas de tantos outros ocorridos ao longo da trajetória do brega em Recife e em outras cidades próximas.

Contudo, apesar das dificuldades enfrentadas, que ainda estão visíveis no dia dia, os eventos públicos promovidos na cidade, tentam incluir esses artistas e trabalhadores do brega, além de trazer o público para festividades maiores, com mais estrutura a fim de criar um hábito na cidade. O brega no carnaval do Recife ainda é visto com certa estranheza ou resistência por parte dos que enxergam a festividade com um certo “purismo”. Porém, compreendendo a cultura como algo em constante transformação, vale a pena pensar no brega como parte disso. Ao ouvir “A vida é assim”, de Conde Só Brega, não importa o momento, Recife tende a responder positivamente. Mas o incômodo ainda existe, e não é só pelas músicas de teor “sexual”, mas quem as canta, a cor da pele, a classe social, a origem territorial. Portanto, essa aceitação desigual tende a se equiparar ao longo dos próximos anos com a crescente inclusão do movimento nos ciclos festivos do Recife. Inclusive realizando uma noite inteira dedicada ao Brega no Marco Zero, durante o carnaval do Recife, e não somente um show como tem acontecido. Algo que já acontece com o samba e o pagode nos domingos de carnaval há alguns anos. Resta aguardar quais serão as próximas mudanças de pensamento e de práticas na cidade do Recife, tendo o Movimento Brega como protagonista.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Gabriel. O nascimento do bregafunk é a história de sobrevivência dos MCs do Recife. 2018. Disponível em: *O nascimento do bregafunk é a história de sobrevivência dos MCs do Recife (vice.com)*. Acesso em: 2 novembro 2018

AZEVEDO, João Victor Souza de. A RELAÇÃO ENTRE POLÍTICAS PÚBLICAS, PRODUÇÃO PERIFÉRICA E USUFRUTO DA CIDADE: os efeitos da patrimonialização do movimento brega em recife. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, 14., 2023, Niterói. Anais [...] . Niterói: Uff, 2023. p. 1-21. Disponível em: <https://www.ram2023.sinteseeventos.com.br/anais/trabalhos/lista?simposio=269>. Acesso em: 03 jul. 2024.

AZEVEDO, J. V. S. O Movimento Brega na Região Metropolitana do Recife: perspectivas entre patrimonialização, produção periférica e sonoridades. 2022. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

BERTELLI, Giordano Barbin. Errâncias racionais: a periferia, o RAP e a política. *Revista Sociologias*: Porto Alegre, 2012.

BRASIL. IPHAN. Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial. Brasília, DF, 4 ago. 2000.

DA MATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis. Rio de Janeiro, Zahar, 1978a.

DURKHEIM, Emile. *Les Formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris, PUF, 5a ed., 1968.

FELTRAN, Gabriel de Santis. Periferias, direito e diferença: notas de uma etnografia urbana. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 53, n. 2, n. esp. Antropologia do Direito, p. 565-610 jul./dez. 2010.

FERNANDES, Camila. Figuras da causação: as novinhas, as mães nervosas e as mães que abandonam os filhos. Rio de Janeiro: Editora Telha, 2021. 314 p.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

RECIFE. Câmara Municipal do Recife. Projeto de Lei Ordinária No 1/2021, de 05 de janeiro de 2021. *Declara Patrimônio Cultural Imaterial do Município do Recife o “Movimento Brega”*. Recife, PE, 05 de janeiro de 2021. Disponível em: https://publico.recife.pe.leg.br/pysc/download_materia_pysc?cod_materia=MTAyNzE2&texto_original=1. Acesso em: 02 de maio. 2022.

PERNAMBUCO. ALEPE. LEI Nº 16.044, de 16 de maio de 2017. Expressão Cultural Pernambucana no Estado de Pernambuco. Recife, PE, 16 de maio. 2017.

SÁ BARRETO, F.; MEDEIROS, I. Culturas do passado-presente: um estudo sobre o discurso da novidade e as políticas patrimoniais em um Recife de três tempos. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, v. 5, n. 14, p. 667-691, 29 jun. 2020.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTANA, John Kennedy Ribeiro de. ANÁLISE EVOLUTIVA DA OCUPAÇÃO DOS MORROS DA CIDADE DO RECIFE. In: *SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA*, 16., 2019, Vitória. Anais [...] . Vitória: Ufes, 2019. p. 3754-3768. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/simpurb2019/article/view/26767>. Acesso em: 2 set. 2023.

SOARES, T. Ninguém é perfeito e a vida é assim: a música brega em Pernambuco. Recife: Outros Críticos, 2021.

SOARES, Thiago; BENTO, Emmanuel. A nacionalização do brega funk. *Revista Temática*, João Pessoa, v. 16, n. 8, p. 207-224, 14 ago. 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/54541>. Acesso em: 25 out. 2021.

VIANNA, Hermano, (1987). O mundo funk carioca. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor.